

Paixão pela verdade



a coerência intelectual do
evangelicalismo

Alister McGrath


SHEDD
PUBLICAÇÕES

“McGrath estabelece a singularidade de Jesus e a autoridade da Escritura como características distintivas centrais da teologia evangélica. Depois ele explora as maneiras com que essa teologia é distinguida das posições de outras três, embora possa frutuosamente engajar-se nelas. O resultado é a exploração de o pós-modernismo, o pós-liberalismo e o pluralismo religioso que vêm a ser hoje uma confirmação importante da saúde e vigor do pensamento evangélico contemporâneo.”

Citação em *PUBLISHERS' WEEKLY*

“O erudito de Oxford apresenta o evangelicalismo como suficientemente maduro e confiante para aprender com outras correntes de teologia contemporâneas, sem comprometer suas qualidades distintas. [...] A obra representa a mais forte declaração de vitalidade intelectual e competitividade que tem aparecido em pelo menos duas décadas.”

**Roger E. Olson, professor de teologia no
*Truett Theological Seminary, Baylor University***

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
Introdução	9
Hostilidade evangélica para com a teologia acadêmica	10
1. O legado fundamentalista	11
2. A dominância do pragmatismo no evangelicalismo	11
3. O secularismo da academia	14
4. O elitismo da teologia acadêmica	17
A postura defensiva no passado do evangelicalismo	19
Uma definição operante de evangelicalismo	20
Propósito e estrutura deste livro	21
1. A singularidade de Jesus Cristo	23
A autoridade de Jesus Cristo	25
Modernismo e domínio	27
A importância de Jesus Cristo	32
1. A importância revelacional de Jesus Cristo	32
2. A importância soteriológica de Jesus Cristo	35
3. A importância mimética de Jesus Cristo	37
4. A importância doxológica de Jesus Cristo	40
5. A importância querigmática de Jesus Cristo	41
Conclusão	44
2. A autoridade da Escritura	45
A Escritura e Jesus Cristo	46
A autoridade da Escritura	48
A dimensão libertadora da autoridade da Escritura	50
Abordagens rivais à autoridade	56
1. Cultura	56
2. Experiência	60
3. Razão	75
4. Tradição	80
Autoridade bíblica e crítica bíblica	83

Autoridade bíblica e experiência pessoal	86
Relação entre Escritura e teologia sistemática	87
A noção da “teologia bíblica”	87
Escritura e narrativa	89
Conclusão	98
3. Evangelicalismo e pós-liberalismo	101
A reação contra o liberalismo	101
Definindo liberalismo	103
O liberalismo e a busca por uma “teologia pública”	108
A crítica pós-liberal do fundamentalismo liberal	111
Redescobrimo o gênero distinto do cristianismo	114
Apreciação de Lindbeck sobre evangelicalismo	116
A abordagem lingüístico-cultural de Lindbeck	124
Uma crítica evangélica do pós-liberalismo	126
1. O que é verdade?	126
2. Por que a Bíblia?	131
3. Por que Jesus Cristo?	133
Conclusão	137
4. Evangelicalismo e pós-modernismo	137
Definindo o Iluminismo	137
A influência do Iluminismo sobre o evangelicalismo	140
1. A natureza da Escritura	146
2. Espiritualidade	146
3. Apologética	148
4. Evangelismo	148
A morte da modernidade	151
Definindo o pós-modernismo	155
A vulnerabilidade do pós-modernismo: Foucault e Lyotard	159
Conclusão	168
5. Evangelicalismo e pluralismo religioso	169
A natureza de pluralismo	170
O que é religião?	174
Diálogo e respeito mútuo	177
Uma abordagem evangélica às religiões e à salvação	185
O entendimento cristão de “Deus”	189
O lugar de Jesus Cristo na salvação	193
A natureza da salvação	194
Salvação cristã e as religiões do mundo	198
Stalinismo religioso? Pluralismo e a agenda da modernidade	200
Conclusão	201
Conclusão	203
Notas	207

AGRADECIMENTOS

Este livro está em preparo há muitos anos. Em particular, devo meu reconhecimento às seguintes instituições educacionais pela bondade em convidar-me para apresentar preleções que me permitiram desenvolver, em interação com outros, as idéias aqui expostas: Oxford University, convite para apresentar as Preleções Bampton, de 1990; McGill University, Montreal, convite para apresentar as Preleções Anderson, de 1992; Wheaton College, Illinois, convite para dar as Preleções Inch, em 1992, e para uma apresentação chave em conjunto com o professor George Lindbeck, na Conferência Teológica de Wheaton, em 1995, sobre “evangelicalismo e pós-liberalismo”; e Southwestern Baptist Theological Seminary, convite para apresentar as Preleções Day-Higginbotham, em 1995. O material relativo ao modernismo e pós-modernismo foi desenvolvido para uma série didática interdisciplinar na Regent College, Vancouver, Canadá, em janeiro de 1995. Sou grato à Blackwell Publishers, pela permissão dada para o uso de algumas partes do material já publicado em *The Genesis of Doctrine* (1990), que é de relevância direta para os temas apresentados nesta obra.

Sou muitíssimo grato aos muitos amigos que já leram e comentaram as cópias preliminares deste livro, em particular ao Dr. David Bebbington. Fui consideravelmente beneficiado, também, pelos sábios conselhos editoriais de Colin Duriez (Inter-Varsity Press, Reino Unido) e Rodney Clapp (Inter-Varsity Press, EUA). Eu mesmo permaneço responsável por todos os erros de fatos e interpretação.

INTRODUÇÃO

Está claro nos dias atuais que o evangelicalismo é a maior e mais ativamente compromissada forma de cristianismo no mundo ocidental. Ultimamente, o futuro do movimento tornou-se assunto de intensa discussão, à luz de seus contínuos sucessos e expansão. Em meu trabalho anterior — *Evangelicalism and the Future of Christianity*¹ —, explorei uma série de perguntas com respeito à identidade, pontos fortes e pontos fracos do movimento. A presente obra pretende construir sobre esse trabalho anterior, por meio de uma consideração da coerência intelectual do evangelicalismo com vistas a considerar qual poderá ser seu futuro num mundo ocidental pós-moderno, com suas ideologias competitivas e teorias de legitimação amplamente divergentes. O evangelicalismo há muito tempo já passou do estágio em que precisa colocar-se na defensiva sobre qualquer coisa; já é perfeitamente capaz de montar um lance defensável a favor de uma presença justificada dentro da comunidade acadêmica, como opção séria de respeitabilidade intelectual para gente pensante no mundo de hoje. No entanto, o evangelicalismo em geral não tem promovido nenhuma séria tentativa de se engajar na vida intelectual, incentivando crentes a pensar dentro de uma estrutura especificamente cristã por meio de todo o espectro do saber e da cultura modernos.

Isso assinala claramente a necessidade do evangelicalismo se engajar nas principais visões de mundo que se podem encontrar em nossos dias, com vistas a colocar as bases para a emergência do que Mark Noll chamou de “a mente evangélica”.² Isso só pode ser feito com base em uma visão *teológica*. Enquanto a “mente evangélica” abraça muitos aspectos da vida, incluindo política e trabalho, seu fundamento, em última análise, precisa ser embasado numa compreensão da natureza e propósitos de Deus. A formação de uma mente evangélica requer confiança na coerência e credibilidade da visão evangélica em geral. No entanto, a despeito de o evangelicalismo já articular uma visão

teológica coerente há várias centenas de anos, existe hoje uma relutância perceptível por parte de muitos líderes evangélicos contra seu envolvimento em debate teológico acadêmico. Como se pode explicar essa resistência? Que percepções pode-se ter com respeito à natureza do próprio evangelicalismo?

Hostilidade evangélica para com a teologia acadêmica

A despeito de sua longa história de reflexão teológica, o evangelicalismo é amplamente visto como o garoto novo no quarteirão acadêmico. Para muitos, não foi um aparecimento bem-vindo. A palavra “evangelicalismo” continua a evocar imagens do anti-intelectualismo, que foi especialmente associado ao fundamentalismo norte-estado-unidense durante as décadas de 1920 e 1930. Há longos anos, porém, o evangelicalismo passou adiante da postura defensiva e super-reacionária desse período crítico. Desde a Segunda Guerra Mundial, passou a mostrar estar cada vez mais preocupado com questões intelectuais, sem enfraquecer ou comprometer, de qualquer maneira, sua preocupação com matérias pastorais e espirituais. Mas esse novo interesse em teologia fez surgir um número de questões relacionadas à identidade e alvos do movimento.

Para referir-nos à “coerência intelectual” do evangelicalismo é inevitável falar sobre teologia evangélica. Por causa de sua história recente na América do Norte, uma população significativa dentro do evangelicalismo tem tido acentuada atitude ambivalente para com a teologia nesta última geração. Desde a sua emergência como presença importante no cristianismo global depois da Segunda Guerra Mundial, pelo menos grande parte do movimento evangélico não tem visto engajamento teológico sustentado como prioridade premente em sua agenda substancial. Por que isso?

Quatro razões principais podem ser apresentadas, cada uma das quais merece ser mais explorada. Três delas são especialmente associadas ao evangelicalismo da estado-unidense, mais do que ao evangelicalismo britânico. Isso explica, até certo ponto, os *éthos* intelectuais bem diferentes associados às alas americanas e britânicas do movimento.

1. A herança fundamentalista do evangelicalismo norte-estado-unidense o distanciou da teologia acadêmica por toda uma geração. Esse fator é de pouco importância na Grã-Bretanha, onde tem havido uma longa história de envolvimento evangélico em teologia acadêmica.³

2. Particularmente na América do Norte, o evangelicalismo chegou a enfatizar critérios pragmáticos de êxito, o que conduz a uma retirada de engajamento teológico por causa de sua utilidade questionável para a prática pastoral e evangelística.

3. A teologia acadêmica está sob a obrigação de mostrar-se sensível à agenda secularizante da academia profissional, o que a distancia da vida e das preocupações das igrejas cristãs.

4. A teologia é potencialmente elitista e, assim, está em forte tensão com o caráter populista do evangelicalismo estado-unidense.

Vamos explorar cada um destes pontos no que se segue.

1. O legado fundamentalista

O surgimento do fundamentalismo na América do Norte durante a década de 1920 é de importância decisiva, dentro do evangelicalismo nessa região, em relação ao entendimento da atitude ambivalente para com a teologia.⁴ O surgimento do fundamentalismo causou impacto sobre o compromisso evangélico com a erudição em geral, que mostra estressantes paralelos com eventos durante a chamada “Revolução Cultural” na República do Povo da China. Ambos causaram o divórcio de uma geração do engajamento acadêmico principal, tornando o processo subsequente de reintegração tanto doloroso quanto perigoso. Nesse meio tempo, as universidades e faculdades estado-unidenses afastaram-se ainda mais de seus ancoradouros cristãos originais, o que torna essa reintegração ainda mais problemática.⁵ O evangelicalismo, que parece ter ainda de recuperar-se completamente da influência prolongada da insistência fundamentalista de que era isento por bases religiosas de qualquer espécie de engajamento cultural ou necessidade de pensar,⁶ ainda retém, em alguns cantos, a reputação de ser intelectualmente pouco profundo.

O legado fundamentalista não é, porém, totalmente culpado da falta de comprometimento com a atividade intelectual do evangelicalismo. Pode-se argumentar que é a presente fixação do movimento na cultura terapêutica estado-unidense do “sentir-se bem” que é igualmente culpada pela fraqueza intelectual do movimento. Vamos explorar isso no que vem a seguir.

2. A dominância do pragmatismo no evangelicalismo

Recentemente, num estudo penetrante e importante, David F. Wells argumentou que o evangelicalismo perdeu toda a compreensão que já teve da importância da teologia.⁷ A natureza fortemente pragmática do movimento, ele sugere, levou a uma ênfase no crescimento da igreja, pregação de sentir-se bem e estilos de ministério informados em grande parte pela psicologia secular. O papel da teologia clássica sofreu erosão séria, com seminários evangélicos deixando de dar-lhe o lugar de honra que antes lhe fora universalmente atribuído. A teologia não é mais vista como integral para manter e nutrir a identidade cristã no mundo, nem como recurso seminal em forjar novas abor-

dagens para o ministério. “A responsabilidade de procurar ser um cristão no mundo moderno é então transformada na busca pelo que [Edward] Farley chama de uma ‘tecnologia de prática’, por técnicas com as quais expandir a igreja e dominar o ‘eu’, que tomam emprestado itens principalmente de gerência comercial e psicologia”.⁸ Há um consenso amplo dentro do evangelicalismo de que Wells identificou uma tendência real e assustadora dentro do movimento, mesmo que sua apresentação particular desses defeitos tenha sido talvez apresentada com um tanto de exagero. Wells sugere que o problema está no evangelicalismo, e ele tece algumas considerações sábias e de ajuda com respeito a causas e possíveis conseqüências dessa negligência.

Embora o evangelicalismo tenha produzido um rendimento substancial e tenha sido sustentado desde a Segunda Grande Guerra,⁹ ele tem tido a tendência de focar uma série de questões mais práticas relacionadas ao crescimento de igrejas e à evangelização, onde a teologia exerce um papel menos óbvio — embora, argumentavelmente, importante. A tendência fortemente populista e ativista dentro do evangelicalismo estado-unidense significa inevitavelmente que a teologia é vista como uma ciência aplicada, orientada para a vida prática da igreja. Contudo, isso reflete um aspecto mais amplo da cultura estado-unidense como um todo: a “evasão (ou fuga) de filosofia”, que pode ser descrita como tendência de se dirigir a problemas culturais, em vez de se entreter em análise filosófica.¹⁰ A fuga ou “evasão evangélica de teologia” reflete uma tendência cultural mais ampla que coloca dúvida sobre os méritos e a necessidade de análise teórica, e prefere se ater diretamente com as questões do dia.

Envolve ainda outras controvérsias não menores que a maneira pela qual a teologia acadêmica é vista como tendo ficado à deriva da vida da comunidade cristã. Se o evangelicalismo marginalizou a teologia acadêmica, o problema está pelo menos em parte nessa teologia, que não conseguiu assegurar para si mesma, muito menos para comunicar a outros, a compreensão do seu papel distinto dentro da comunidade evangélica. A teologia não pode esperar que os evangélicos assumam que ela possui relevância, dado o desprezo difundido pela teologia acadêmica dentro da igreja em geral. Ela precisa *demonstrar* que, para uma clientela cujo sucesso próprio se tem firmado em sua insistência, essa relevância é um item importante.

O evangelicalismo sempre percebeu que nenhum avivamento na história jamais nasceu de um interesse renovado em teologia puramente acadêmica. A renovação da *teologia* evangélica depende da renovação do *evangelicalismo*. Não é a teologia que faz brotar um avivamento. Teologia é o que irrompe de uma comunidade de fé autoconfiante e pensativa, refletida, e está de posse de uma visão esclarecedora sobre a razão por que ela existe e sobre o que se propõe

fazer. É a expressão, não a causa, dessa visão. Como mencionou Ninian Smart, perceptivamente, “fazer teologia, no sentido apropriado, é articular uma fé”.¹¹ Se não há nenhuma fé para articular, a teologia nada tem a transmitir ou expressar. A teologia pode ajudar a comunidade evangélica a julgar, reformular, contextualizar e melhor articular sua visão — mas ela não pode criar essa visão para começar. Uma tradição vibrante de reflexão teológica é o resultado, em vez de ser a causa, de uma comunidade dinâmica de fé.¹²

Este ponto pode ser visto claramente pela controvérsia da “Morte de Deus”, que irrompeu na década de 1960.¹³ Muita atenção foi dada na época a suas idéias teológicas. No entanto, está claro que pouca atenção também foi dada àquilo que agora está sendo reconhecido como falta de vitalidade religiosa dentro das igrejas tradicionais que parecem ter ocasionado a emergência dessa teologia.

Embora a maior parte da filosofia e teologia contidas na literatura “Morte de Deus” pareça ser material de segunda classe, ou pior que isso, é muito necessário refletir sobre como deve ter sido absolutamente mortal a experiência que os escritores dessa literatura tiveram, tanto no cultuar como na vida teológica de suas igrejas. Por exemplo, o Deus cuja morte é proclamada em *The Gospel of Christian Atheism*, de Thomas Altizer, de fato é um Deus muito doente. Mas alguém lhe deve ter dado essa idéia de Deus. A evidência sugere que ela vem de uma igreja muito doente.¹⁴

Uma igreja sem nenhum senso de visão e propósito, com falta de quaisquer expectativas do que Deus poderia fazer com ela, leva inevitável e diretamente a uma teologia cansada, fora de foco e irrelevante.

Esta observação, portanto, pareceria sugerir que o futuro bem-estar do evangelicalismo se acha no ativismo evangelístico, talvez — mas não necessariamente — combinado com uma ligação incrementada com questões sociais e políticas. Uma ênfase na questão da salvação pessoal, tal como a que estava por trás da complexa rede de avivamentos regionais geralmente vistas juntas como o “Segundo Grande Despertamento”,¹⁵ é, portanto, vista amplamente como integral à consolidação e expansão evangélica. Os estilos de pregação associados a tais avivamentos — sermões populistas que visavam a uma resposta emotiva — refletem o desejo de trazer auditórios ao ponto de estar preparados para assumir compromissos de conversão pessoal, na base de uma decisão existencial imediata em lugar de um processo cuidadoso de reflexão.¹⁶ Na base dos critérios altamente pragmáticos que o evangelicalismo tem tido a tendência de usar para medir seus sucessos, a teologia teve um pequeno papel discernível a desempenhar no negócio sério da conversão.

A importância desse ponto não pode ser exagerada. O evangelicalismo se tem tornado um movimento em massa precisamente porque os evangélicos estiveram preocupados em identificar e promover seu apelo popular. A abordagem ativista, imediata e um tanto individualista para a fé cristã assegurou que ela mantivesse uma presença e um perfil elevados numa cultura cada vez mais tendente ao individualismo democrático. Então, quem precisa de teologia? Não há lugar para uma versão da fé cristã que se tenha tornado tão racional, a ponto de vir a ser o reserva de uma pequena elite acadêmica, e de ter perdido quaisquer elos claros com as ocupações e questões que confrontam cristãos em sua vida diária. E isso, na visão da maioria dos evangélicos, é para onde nos leva a teologia.

Fico apreensivo com esse ponto de vista. Contudo, ao oferecer uma crítica sobre isso, preciso deixar claro que o *étos* anti-teológico que permeia o evangelicalismo popular engloba grande porção de sabedoria e discernimento. Muita teologia é irrelevante, arrogante e elitista. A falta de teólogos acadêmicos ou a pouca vontade de outros tantos deles em admitir esse ponto parece-me nada menos que algo escandaloso. Faz-me lembrar do conto de Hans Christian Andersen sobre a roupa nova do imperador. Por causa de pressões culturais, ninguém no país estava preparado para admitir o óbvio, até que ficou patentemente claro que a ilusão não poderia mais ser sustentada.

Quando tudo é dito e feito, permanece a crítica de um estilo particular de teologia — o que, em sentido livre, se poderia chamar de “teologia acadêmica”, não no sentido de uma teologia informada e bem pensada, mas uma teologia cuja agenda é ditada pelos valores e objetivos da academia; uma academia que não está meramente preocupada com uma série de “questões puramente acadêmicas” (no sentido negativo desta frase), mas que conduz seus debates na base de uma série de pressupostos não-cristãos ou anticristãos. Investigaremos este ponto no que vem a seguir.

3. O secularismo da academia

Há muito se foram os dias em que “a academia” era equivalente à erudição, sabedoria e integridade pessoal. Os evangélicos têm notado, com preocupação, algumas indicações crescentes de que a academia estado-unidense moderna parece ter mais a ver com elitismo, disputa bélica ideológica e propaganda anti-religiosa desmedida do que com erudição.¹⁷ Especialmente nos Estados Unidos, alguns teólogos acadêmicos muitas vezes pareceram ser pouco mais do que acólitos dessas tendências; articulam o que muitas vezes acabam sendo teologias profundamente iliberais e atiram tanto em seus opositores quanto em seus colegas menos do que totalmente entusiastas, em vez de se engajar no diálogo

pelo qual em outros tempos a academia foi conhecida, honrada e valorizada.¹⁸ O fortemente institucionalizado *éthos* liberal da universidade estado-unidense moderna, que é percebida amplamente como anticristã — embora seja discursivamente hostil a compromisso público de qualquer sorte, religiosa ou outra —,¹⁹ tem reforçado tanto a determinação de evangélicos em permanecer fiéis ao evangelho, em vez de à mais nova tendência cultural, como a sua percepção de que “teologia acadêmica” é, na melhor das hipóteses, uma irrelevância a ser evitada, condicionada e sustentada por uma série de conjecturas secularizantes e relativizantes.

Nem sempre essas percepções evangélicas podem ser inteiramente justificadas, e, ocasionalmente, podem refletir leituras equivocadas de situações complexas. Por exemplo, é importante distinguir entre o processo social de “secularização”, no qual funções uma vez associadas com a igreja são assumidas por agências governamentais,²⁰ e a ideologia de “secularismo”, que visa a eliminar a religião da arena pública. A secularização da academia não implica necessariamente em que ela seja comprometida com uma ideologia secularista. Não obstante, é claro que a academia tem um caminho grande pela frente antes que possa tranquilizar os evangélicos frente aos temores de que seu programa de atividades seja, quer por intenção ou meramente por efeito, anti-evangélico.

Contudo, o evangelicalismo não está sozinho em sentir que a teologia acadêmica agora se acha às margens da vida cristã. Há uma percepção até bem difundida dentro das igrejas de que a teologia acadêmica em grande parte perdeu quaisquer ligações que um dia pode ter tido com a missão, preocupações e vida da igreja. A relação entre a teologia acadêmica e a igreja cristã é assim problemática — pelo menos, para teólogos. Para afirmar isso objetivamente, ninguém parece querê-las mais. É possível ser cínico sobre muita teologia moderna, e vê-la como mantida por acadêmicos preocupados tanto em perpetuar a si mesmos e a suas instituições, como em desviar a atenção de sua crescente irrelevância e marginalização. Os abstratos da Academia Americana de Religião com muita frequência revelam itens como o seguinte, que reforçam essa percepção cada vez mais influente.

O “corpo” metafórico de Taylor, então, é uma (ex)tensão da tecnologia falocêntrica e falocrática da teologia moderna, agora restrita a um jogo de palavras bidimensional indiferente aos gritos e alegrias de uma palavra (ou de um mundo) cheia de sinais (ou palavras) ricamente assinados.²¹

Isso poderia ser descartado facilmente como um posicionamento pomposo, sem qualquer importância senão como exemplo da necessidade sentida de montar obscuridade sobre obscuridade num espiral infindo de autovalidação — um

exemplo clássico do que Charles Newman chamou de “a inflação do discurso”, em que a pretensão verbal é cultivada com deliberação e qualquer relacionamento com utilidade ou relevância pública é abandonado.²² Parece-me, porém, que isso representa algo bem mais mundano. É um grito por socorro. É um apelo desesperado por ser notado, um anúncio público da relevância e importância de alguém a este mundo que, obviamente, já perdeu qualquer interesse que pode ter tido algum dia em religião acadêmica. Com essa demonstração, é altamente improvável que recupere esse interesse.

Mais um ponto de importância diz respeito à aversão pós-moderna a questões sobre a verdade (ver p. 159-167). A academia ocidental moderna ocasionalmente permite que seus críticos tenham a impressão de que ela perdeu qualquer interesse com questões de verdade, e que optou por um acomodacionismo fácil com várias facções ideológicas, sem restrição aos méritos de seus casos. A paixão pela verdade do evangelho do evangelicalismo não pode ser acomodada dentro desse contexto. O crítico evangélico da academia moderna apontará para sua falha em deixar de tratar com seriedade suficiente da questão sobre a verdade, em consequência do que argumentará pela vulnerabilidade da visão pós-moderna. O evangelicalismo reconhece a necessidade de comprometimento; a academia prefere enfatizar desprendimento.

Teólogos acadêmicos ocasionalmente se referem ao evangelicalismo como *ingênuo*. Mas este qualificativo requer tradução. Olhado mais de perto, geralmente mostra ser algo como “recusa ao reconhecimento do *imperium* da academia”, ou “falta de aceitação das normas de uma academia autopromotora e fechada”. Em suma, o termo tem pouco a ver com habilidade intelectual ou atividade erudita; em vez disso, enfoca a recusa do evangelicalismo de tornar-se subserviente à ideologia do que está chegando a ser visto como uma academia cada vez mais marginalizada e anti-religiosa.

Nesse ambiente de ceticismo crescente com respeito aos méritos e viabilidade da teologia acadêmica, o evangelicalismo tem a oferecer *insights* de relevância além dos próprios limites. A teologia é serva da igreja. O evangelicalismo sempre viu a teologia como parte de um todo maior, em vez de vê-la como um departamento profissionalizado, isolado da vida da igreja como um todo. O teólogo não é alguém que se posiciona acima da comunidade de fé, e sim alguém que está profundamente envolvido em sua vida de culto, oração, adoração e evangelização.

Para o evangelicalismo, o teólogo é chamado para servir à comunidade de fé a partir de dentro dela. Parte desse serviço é uma crítica a suas idéias e pontos de vista — mas uma crítica amorosa e atenciosa com base na fé e compromisso cristão compartilhados; e não uma crítica moderna da comu-

nidade cristã feita por “teólogos” acadêmicos, com base nas crenças e valores seculares, muitas vezes radicalmente agnósticos ou ateístas, os quais aquela comunidade não tem nenhum motivo forte para compartilhar. Para o evangelicalismo, a teologia acadêmica é tanto elitista como irrelevante; de fato, sua irrelevância pode ser diretamente proporcional ao seu elitismo. À vista da importância do elitismo da academia que é assim percebido, dele poderemos tratar com mais detalhes.

4. O elitismo da teologia acadêmica

A teologia acadêmica é, de maneira ampla, vista como intelectualmente elitista e desdenhosa dos interesses de cristãos comuns. O elitismo da teologia levanta sérias preocupações para o evangelicalismo, especialmente na América do Norte. Como notamos anteriormente, o evangelicalismo estado-unidense é um movimento fortemente populista, com uma preocupação genuína e sincera com as questões de importância para os cristãos em geral. Leva a sério as idéias de pessoas comuns. Há muito tempo ninguém pensa assim sobre acadêmicos de qualquer espécie; de fato, o estereótipo popular de academia como uma “torre de marfim” isolada da cultura popular, e até desprezada por esta, chega a se aproximar desconcertadamente da verdade. O distanciamento que a academia toma das realidades da vida cotidiana está ligado em grande parte, pelo menos na percepção popular, ao elitismo da própria academia.

O evangelicalismo tem, então, pouco tempo para o elitismo da teologia acadêmica, e está primariamente preocupado em tratar das questões enfrentadas por pessoas comuns. Contudo, deve ser apreciado o fato de o “populismo” ter seus limites. O evangelicalismo já assegurou que a relevância do evangelho à cultura popular nunca seja impelida a posição secundária por meio de um interesse inapropriado em questões puramente acadêmicas. A cultura popular, no entanto, muitas vezes mostra uma tendência alarmante para a pouca profundidade.²³ Nota-se, com frequência, que essa superficialidade intelectual significa que as idéias de uma geração — ou mesmo de uma década — são descartadas na geração ou década seguintes. O evangelicalismo precisa assegurar que a sua preocupação com o apelo popular nunca seja ganha ou mantida lançando-se fora as raízes teológicas profundas da fé cristã, que lhe fornecem estabilidade e profundidade por meio das divisões entre gerações. Uma teologia puramente “acadêmica” é elitista e irrelevante; uma teologia populista bem pode ter apelo à massa sem ter profundidade nenhuma. Teologia, entendida acertadamente, diz respeito à profundidade intelectual e espiritual e ao poder de durabilidade. Em consequência da falta de importância dada à preocupação de cristãos comuns, por parte dos teólogos acadêmicos, e da pouca pro-

Paixão pela verdade

Décadas atrás, o evangelicalismo era dado como inerte na academia. Nos últimos cinquenta anos, porém, o intelectualismo evangélico reviveu de maneira produtiva, sobretudo em disciplinas como história e filosofia. Agora, teólogos evangélicos – entre eles, Alister McGrath – estão tentando mostrar que a herança do movimento provê excelentes recursos para engajamento nos debates eruditos de nossa época.

Neste livro, McGrath estabelece a singularidade de Jesus e a autoridade da Escritura como características distintivas centrais da teologia evangélica. Ele também apresenta as bases construtivas em que o evangelicalismo se apoia e enfrenta os desafios intelectuais do nosso dia, como o pós-modernismo, o pós-liberalismo e o pluralismo religioso.

Alister McGrath é diretor do Wycliffe Hall, em Oxford, e professor de pesquisa em teologia no Regent College, Vancouver, Canadá. Seus muitos livros incluem *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã* e *O deus de Dankins*, publicados pela Shedd Publicações.



ISBN 978-85-88315-60-0

